

Saúde, doença e morte no *Paraguay Natural Ilustrado*, do padre jesuíta José Sánchez Labrador (1771-1776)

*Health, illness and death in Paraguay Natural
Ilustrado, by Jesuit priest José Sanchez Labrador
(1771-1776)*

RESUMO

Este artigo analisa um manuscrito jesuítico inédito, intitulado *Paraguay Natural Ilustrado*, de autoria do padre jesuíta José Sánchez Labrador. Redigido entre os anos de 1771 e 1776, em seu exílio em Ravena, Itália, o texto destaca sua percepção sobre saúde, enfermidade e morte, a partir de descrições das enfermidades mais comuns na Província Jesuítica do Paraguai, das recomendações e cuidados que deveriam ser tomados para assegurar uma boa saúde, bem como das referências a plantas e procedimentos terapêuticos que podiam levar a óbito. Os registros e as percepções do missionário procedem de suas próprias observações e das informações que obteve com os indígenas junto aos quais missionou na América, bem como de sua formação nos seminários e colégios da Companhia de Jesus, e da consulta a obras redigidas por outros jesuítas ou cientistas leigos, com os quais estabeleceu um diálogo.

Palavras-chave: Paraguay Natural Ilustrado – José Sánchez Labrador SJ.
– Saúde – Enfermidades – Morte

ABSTRACT

This text presents the analysis of an unpublished Jesuitic manuscript, entitled *Paraguay Natural Ilustrado*, written by Jesuit priest José Sánchez Labrador between 1771 and 1776, during his exile in Italy. We highlight his perception about health, illness and death, through the descriptions of the most common infirmities in the Província Jesuítica do Paraguay, the recommendations and precautions that should be taken to ensure good health, as well as the references made to plants and therapeutic procedures that could lead to death. Seek to demonstrate that the records and perceptions of the missionary originate from not only his own observation and the information he obtained from the indigenous peoples among which he worked in America, but also from his formation in the seminaries and colleges of the Company of Jesus and the consultation of works written by other Jesuits and laymen scientists, with whom he established an interesting dialogue.

Keywords: Paraguay Natural Ilustrado – José Sánchez Labrador SJ. – Health – Infirmities – Death

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista de Produtividade do CNPq. Integrante da Rede de Investigadores da Sociedade Internacional de Estudos Jesuíticos (SIEJ) e da Red de Historia de Brasil y Portugal (Red-HBP). Sócia da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC) e dos Grupos de Pesquisas do CNPq "Jesuítas nas Américas", "Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano" e "História: Religiosidade, Cultura e Interculturalidade na América Latina". Editora da Revista História UNISINOS. CV: <http://lattes.cnpq.br/8304454301957911>



José Sánchez Labrador nasceu em La Guardia, província de Toledo, em 19 de setembro de 1717 [ou 1714] e morreu em Ravena, em 10 de outubro de 1798.¹ Ingressou na Companhia de Jesus em 5 de outubro de 1731, de acordo com Ruiz Moreno (1948), ou em 19 de setembro de 1732, segundo Sainz Ollero et al. (1989).² Iniciou seus estudos de Filosofia no Noviciado de San Luis de Sevilha, interrompendo-os para viajar ao Rio da Prata em 1733, acompanhando o Padre Procurador Antonio Machoni. De 1734 a 1739 estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Córdoba, concluindo sua formação no verão de 1739.³ Os anos que se seguiram à sua ordenação como sacerdote, que se deu em 1740, foram preenchidos com diferentes ocupações: atuou como Mestre de Gramática no Colégio Máximo da Cidade de Córdoba, Mestre de Filosofia na Universidade de Córdoba, ministro e estagiário no Convictorio de Nuestra Señora de Monserrat da mesma cidade, Mestre de Teologia no Colégio Máximo de Buenos Aires e solucionador de casos morais em Assunção do Paraguai (Furlong, 1948). De acordo com seus biógrafos, entre os anos de 1741 e 1746, teria ocupado a cátedra de Filosofia no Colégio de Assunção, dedicando-se, concomitantemente, a estudos de História Natural.⁴

Assim, como muitos outros padres e irmãos jesuítas que o precederam nas terras de missão americanas, Sánchez Labrador não se dedicou exclusivamente à conversão dos indígenas. Ele também estudou a fauna e a flora americana que observou nas diversas regiões da Província Jesuítica do Paraguai em que atuou como missionário. De acordo com alguns de seus biógrafos, entre 1747 e 1757, o padre jesuíta atuou junto às reduções de San Francisco Xavier, Santa Maria la Mayor, La Cruz, Santo Thomé e San José.⁵ A partir de 1757 passou a atuar em Apóstoles (Santos Apóstolos ou Apóstolos São Pedro e São Pablo),⁶ tendo como companheiros os padres Lorenzo Ovando e Segismundo Asperger, este último reconhecido por sua atuação como médico e boticário.⁷ Sabe-se que dois anos depois lecionou Teologia no Colégio de Assunção e que no ano seguinte (1760) missionou entre índios Mbayás e Guaranis, que mais tarde formariam a redução de Nuestra Señora de Belén, e entre os índios Guanas, com os quais criou a redução de San Juan Nepomuceno.

¹ Pouco ou quase nada se sabe sobre a infância de Sánchez Labrador, apenas que seus pais se chamavam Juan Sánchez Labrador e sua mãe María Hernández, cristãos velhos, e que estudou Gramática e Humanidades.

² Héctor e Helios Sainz Ollero, Francisco Cardona e Miguel de Castro Ontañón (1989) recorreram aos Catálogos de 1735, 1739, 1744 e 1748 e à obra de Hugo Storni (1980) para afirmar que seu ingresso na Companhia se deu em 19 de setembro de 1732, quando José contava, portanto, com 15 ou 18 anos.

³ Em relação aos anos que se seguiram à sua ordenação, “no conocemos las actividades del recién ordenado sacerdote, aunque por las referencias de sus libros debió de estar, al menos en Buenos Aires y Montevideo” (Sainz Ollero et al., 1989, p. 102).

⁴ Sobre seu interesse em História Natural, seus trabalhos “demuestran su aprendizaje como naturalista y el interés que le produjo desde un primer momento la naturaleza americana, pero la mayor parte de sus experiencias y hallazgos iba a realizarlos en las áreas misioneras” (Sainz Ollero et al., 1989, p. 102).

⁵ Sánchez Labrador faz referência também às reduções de *Yapeyu*, *Trinidad*, *Jesús*, *Loreto*, *San Ignacio Mini*, *San Ignacio Guazu*, *San Cosme* e *San Damián* e *San Lorenzo*, mas não informa se as conheceu pessoalmente.

⁶ Sua atuação nesta redução pode ser confirmada no trecho em que Sánchez Labrador refere o plantio de *Tuna de Grana*: “Las que Yo tuve cultivadas en la Doctrina de los Santos Apostoles San Pedro, y San Pablo de Guaranis, y en la Reducción de Nuestra Señora de Belen de Mbayas”. ARCHIVO HISTÓRICO DE LA COMPAÑIA DE JESÚS/Roma (Doravante citado como ARSI): Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*. Noticias del país, con la explicación de phenomenos phisicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. Ravenna. (Manuscrito). Roma, 1771-1776. 1832p, 1771, Tomo II, Livro IV, p. 296.

⁷ O Padre S. Asperger – ou Aperger – era tirolês, nascido em 20 de outubro de 1678. A ele é atribuído o famoso compêndio *Tratado Breve de Medicina*, que, além de descrições sobre as doenças mais frequentes nas missões jesuíticas, traria um grande número de procedimentos e de receitas de medicamentos. A versão manuscrita deste tratado é tida como extraviada, sendo referida nas obras de Furlong (1947) e de Anagnostou e Fechner (2011).



Em 14 de agosto de 1767, logo após seu regresso de uma viagem às missões de índios Chiquitos,⁸ Sánchez Labrador foi informado do decreto da expulsão dos jesuítas da Espanha e de suas colônias. Em 1768 chegou à Itália, estabelecendo-se em Ravena, onde foi Superior de uma das casas que a Companhia de Jesus possuía na cidade. Manteve-se neste desterro por 30 anos,⁹ período durante o qual se dedicou a escrever.¹⁰ Entre suas principais obras estão *Paraguay Católico*, publicado em 1771,¹¹ *Paraguay Cultivado*¹² e *Paraguay Natural Ilustrado*.¹³

Os primeiros dois Tomos da obra *Paraguay Cathólico en sus principales Provincias reducidas a la Santa Fe y vassalage del Rey de Espana por la predicación de los Misioneros zelosos de la Compañía de Jesús: en gran parte arruinadas por los Mamelucos del Brasil y restablecidas por los mismos Misioneros* encontram-se na Real Academia de la Historia de Madri e o terceiro no Arquivo Histórico Provincial de Toledo de la Compañía de Jesus. Os Tomo I, "Que contiene las cinco provincias siguientes" é composto por quatro livros: "I. La Provincia del Río Paraná. II. La Provincia del Guayrá. III. La Provincia del Río Uruguay. IV. La Provincia de la Serranía del Tape. V. La Provincia del Itatin. Y del entable de las Poblaciones Guaranis. Año de 1769", enquanto que o Tomo II, "Que contiene las provincias siguientes", conta com três livros "I. La del Tucuman con el Chaco. II. La de las Charcas con los Chiriguanás. III. La de Santa Cruz con los indios Chiquitos. Varios Diarios, Noticia de Mato Grosso y de las Misiones de Moxos. Año de 1769". O Tomo III, por suavez, "contiene las naciones siguientes: I. La de los Eyiguayeguis. II. La de los Chanás. Varios viajes y diarios y una breve noticia de Cuyaba. Año de 1770" (Sainz Ollero et al, 1989, p. 180).

O *Paraguay Cultivado* se encontra extraviado e as únicas informações sobre o manuscrito são as que se encontram no catálogo do leilão da Casa Maisonneuve, realizado em 1878, no qual a obra foi vendida. A obra, de acordo com este catálogo, era composta por quatro partes: "Parte

⁸ Sobre esta última viagem realizada pelo jesuíta em território americano, Furlong (1948) e Sainz Ollero et al. (1989) afirmam que Sánchez Labrador teria sido o primeiro a fazer o caminho que ligava as reduções de Guaranis às de Chiquitos [iniciada em dezembro de 1766 e concluída em agosto de 1767], da qual teria resultado um diário e um mapa, entregues a Francisco Bucareli y Ursúa, governador de Buenos Aires à época da expulsão da Companhia de Jesus.

⁹ Como observado por Sainz Ollero et al., "La fecha de edición de este conjunto se sitúa aproximadamente entre 1771-76, cuando estaba exilado en Italia. (...) lo detallado de sus descripciones, unido a ciertas citas que se encuentran en el texto referentes a interrupciones en el escribir derivadas de los problemas surgidos en la convivencia diaria con los indios, indican que el padre Sánchez Labrador debió de salvar parte de sus manuscritos originales, lo cual le permitió reconstruir posteriormente descripciones e historias tan detalladas y prolíficas" (Sainz Ollero et al., 1989, p. 211-212).

¹⁰ Atendendo à orientação de "glosar y dar siempre testimonio", a Companhia de Jesus recorreu a várias formas de escrita para a instituição de "suportes de recordação", como as crônicas, os memoriais, as biografias e as sínteses históricas elaboradas por historiadores oficiais. De acordo com o historiador Efraim Cardozo, "Desde la época temprana de su definitiva radicación en el Paraguay, la Compañía de Jesús se encargó de tener [una historia oficial de la Provincia Jesuítica del Paraguay]", atribuído sua elaboração a "sujetos de su seno, calificados por sus luces y sus letras", que tinham como principal objetivo "historiar los esfuerzos evangelizadores cumplidos por la Compañía." (Cardozo, 1959, p. 270).

¹¹ No *Paraguay Natural*, Sánchez Labrador faz inúmeras referências ao *Paraguay Católico*: "Lo que si se ha dexado en el *Paraguay Natural* absolutamente es la Relación de Algunas Tradiciones; no por juzgarlas mal fundadas, sino por haberlas antes escrito a la larga en el *Paraguay Catholico*". ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*. 1771, Tomo I, Introdução, p. VI.

¹² Na obra há também menções ao *Paraguay Cultivado*, como atesta a passagem na qual afirma que "En orden a este assumpto se insinua muy poco en esta obra; porque parecia mas expediente remitirlo a un especial Tratado, cuyo titulo es, *Paraguay Cultivado*". ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*. 1771, Tomo I, Introdução, p. VII. E, também, em outro trecho, no qual ele ressalta que: "Fundados en este dictamen de hombres, que miran a fondo las cosas, en esta obra del *Paraguay Natural*, se presenta la Botanica, según sus dos relaciones de especulativa, y de la Practica: Ponense algunos principios concernientes al cultivo, y labor de las Plantas, mas esto se hace como de pajo, reservando para otra obra, cuyo Primer Tomo, tengo ya escrito, el tratar de propósito de una materia tan importante, la qual se intitula, *Paraguay Cultivado*". ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*. 1772, Tomo II, Introdução, p. IX.

¹³ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*. Op. Cit.



1: 5 libros De la labranza de las tierras; Parte 2: 4 libros De las huertas de Arboles. Parte 3: 1 libro De las hortalizas y legumbres e Parte 4: 2 libros Jardines y un apêndice curioso de varios términos con varias instrucciones” (Sainz Ollero et al, 1989, p. 180).

Os tomos do Paraguay Natural Ilustrado foram escritos pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador, entre os anos de 1771 e 1776, durante seu exílio em Ravena, na Itália.¹⁴ A obra manuscrita, composta por quatro Partes ou Tomos¹⁵ e com 127 ilustrações do próprio autor,¹⁶ não foi até hoje publicada integralmente, e seus originais encontram-se no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma. O ineditismo da obra deve-se a inúmeros fatores, dentre os quais o número de volumes que a compõe, a lentidão dos trâmites burocráticos de censura editorial (civis e eclesiásticos) e os custos de impressão no Setecentos. Não se deve desconhecer, também, que em 1776, ano de sua conclusão, a Companhia de Jesus ainda não havia sido restaurada, o que viria a ocorrer somente em 1814, o que contribuiu para que a obra se mantivesse desconhecida dos pesquisadores por tantos anos. É preciso, ainda, ressaltar que a obra se manteve inédita até este momento, porque autores como José Luis Molinari (1938), Guillermo Furlong (1948), Aníbal Ruiz Moreno (1948), Hector Sainz Ollero, Hélios Sainz Ollero; Francisco Suárez Cardona; Miguel Vázquez de Castro Ontañón (1989) e Mariano Castex (1963a; 1963b e 1968) limitaram-se a efetuar publicações parciais de certos tomos, livros e capítulos do Paraguay Natural Ilustrado, sendo que, na maioria das vezes, não indicaram as referências completas dos excertos selecionados.

Para historiadores como Sainz Ollero et al (1989) e Moreno (1948), Paraguay Natural foi iniciado na América, mas concluído em Ravena, sendo que “la fecha de edición de este conjunto se sitúa aproximadamente entre 1771-1776, cuando estaba exilado en Italia”, no entanto, “lo detallado de sus descripciones, unido a ciertas citas que se encuentran en el texto referentes a interrupciones en el escribir derivadas de los problemas surgidos en la convivencia diaria con los indios” parecem indicar que o padre Sánchez Labrador “debió de salvar parte de sus manuscritos originales, lo cual le permitió reconstruir posteriormente descripciones e historias tan detalladas y prolíficas” (Sainz Ollero et al., 1989, p. 211-212). Mas se, por um lado, pode-se afirmar que “es la práctica certeza de que [...] pudo, a pesar de las órdenes de Bucareli, trasladar con él parte de sus

¹⁴ Alguns historiadores defendem que, para alguns jesuitas, como o padre José Sánchez Labrador, “la ‘expulsión’ tuvo paradójicamente una repercusión positiva sobre su formación científica (...) esta generación de jesuitas que, obligados a abandonar su labor misionera, se dedicaron a ordenar sus datos y a comunicar sus hallazgos y conocimientos a la luz de los avances científicos de la época. (...) reelaboró su obra en Rávena a la luz de la bibliografía que tuvo ocasión de consultar en esta ciudad italiana. Consideramos que esta riqueza de referencias, provocada por su contacto con la ciencia europea del momento y los autores clásicos, constituye un aspecto fundamental de su obra, que destaca por su erudición y enciclopedismo. (...) Conocía la obra química de Robert Boyle, había leído a autores clásicos como Hipócrates, Aristóteles, Plinio, Galeno y Dioscórides, alguns árabes como Avicena y contaba con las principales obras médicas de los siglos XVI y XVII, como las de Aldrovandi, Mattioli, Vesalio, Ramazzini, Pison” (Sainz Ollero et al., 1989, p. 194 e 204).

¹⁵ O Tomo I possui os seguintes livros: I. diversidad de tierras y cuerpos terrestres; II. agua y varias cosas a ella pertenecientes; III. aire, vientos, estaciones del año, clima de estos países y enfermedades ordinarias. Año de 1771; o Tomo II é composto pelo livros: “I. botánica o de las plantas en general; II. selvas, campos y praderas del Paraguay; III. los árboles en particular; IV. Palmas, tunas y cañas; V. Ycipós y otras plantas sarmentosas; VI. algunos arbolillos, matorrales y hierbas; VII. algunos útiles y curiosos usos. Año de 1772”; o Tomo III possui os seguintes livros: “I. animales cuadrúpedos; II. las aves; III. los peces. Año de 1771” e Tomo IV conta com os livros: “I. de los animales anfibios; II. de los animales reptiles; III. de los insectos. Año 1776” (Sánchez Labrador, 1771-1176).

¹⁶ De acordo com Sainz Ollero et al., “se trata de dibujos a pluma de alta calidad en los que se resaltan, en ocasiones exageradamente, los caracteres morfológicos de mayor importancia taxonómica. (...) Tanto por su volumen como por la calidad de los mencionados dibujos esta contribución iconográfica se interpreta como de alto valor” (1989, p. 193). Os autores acrescentam que se são indiscutivelmente “una aportación muy importante, sobre todo considerando que la gran mayoría de estas plantas no han contado con descripciones válidas (linneanas) hasta um siglo después (...)” e as lâminas nos ajudam na sua identificação na atualidade (Sainz Ollero et al., 1989, p. 182).



escritos hasta su destierro italiano”, devido a certa “permissividade extraña” e as condições “mucho más benignas [em Assunção] que en el resto de las ciudades del Río de la Plata” (Sainz Ollero et al., 1989, p. 106), por outro, o próprio jesuíta chega a afirmar que faltavam “los papeles y apuntamientos, que me interpresaron en la ciudad de Buenos Ayres”,¹⁷ reforçando a hipótese de que recorreu as suas memórias, e às de outros jesuítas, bem como às obras de outros naturalistas para escrever os tomos do *Paraguay Católico*, do *Paraguay Cultivado* e do *Paraguay Natural Ilustrado* (Sainz Ollero et. al., 1989, p. 108).¹⁸

No *Paraguay Natural*, o jesuíta refere-se a Ravena e apresenta informações que também corroboram a hipótese de que a obra tenha sido escrita durante o exílio. No terceiro livro da Parte Segunda, ele faz referência à cidade de Ravena:

*En la bien surtida, y aseada Botica, que en la antiquíssima ciudad de Revenna [sic] tiene el monasterio de Religiosos Benedictinos, que llaman de San Vidal, el que cuidaba de ella, hombre muy inteligente, nos enseño a algunos misioneros del Paraguay un Bollo de resina, preguntándonos si la conocíamos.*¹⁹

Neste trecho, Sánchez Labrador não somente deixa claro que se encontrava em Ravena, na Itália, como também relata que havia conhecido a botica de monastério beneditino da cidade, e informa tê-lo feito na companhia de outros padres, que também haviam sido missionários no Paraguai, o que aponta para uma provável troca de informações, contribuindo significativamente para a escrita das três obras do jesuíta. Tal fato também fica evidenciado em outro trecho do livro III, no qual o autor informa que esteve em Bolonha, provavelmente acompanhado por outros jesuítas: “En la bellísima especula de la ciudad de Bolonia, nos mostraron la Hierba del Paraguay entre las producciones vegetables, y raras delas Indias”.²⁰

O autor faz referências à cidade italiana também no quinto livro, o que parece comprovar que a maior parte da obra foi escrita durante o exílio, sendo que neste trecho ele compara a cidade italiana com o Peru e o Paraguai: “En esta ciudad de Ravenna hemos visto Jardines, y Huertas estas plantas, y no se diferencian en nada de las del Peru, y Paraguay”.²¹ Já no livro sexto do Tomo de Botânica há um trecho em que Sánchez Labrador informa ter repassado informações a outro padre que se encontrava em Ravena, o que evidencia tanto a troca de

¹⁷ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*. 1772, Tomo II, p. 358.

¹⁸ A consulta a outros autores e obras, quando já se encontrava em Ravena, pode ser constatada neste trecho, no qual Sánchez Labrador observou que “Los Tintes hasta aqui propuestos no son sacados del Tinturero Perfecto, sino de otros Auctores. Los que aquel pone se podran lee en su obra. *Vease Galipidio Talier en su Nuevo Manejo de toda suerte de Tintes, impreso en Venecia el año de 1771*”, e, ainda, nesta passagem em que refere a obra de um autor que “enseña a hacer los dichos colores, es el Señor De Lormois, Diseñador del Rey, y colorista en Paris [...] Del mismo Auctor es todo lo perteneciente a las Angaripolas finas, en una obrita, que dío, a luz en frances, con título de *Arte de Fabricar las Telas Indianas* (Angaripolas) al uso de Inglaterra, y de componer todos los colores, y buenas tintas propias, y convenientes a las mismas. Traduxola del Frances al idioma Italiano con Annotaciones el Abade Antonio Lumachi. Y emprimiose en Florencia el año de 1771. Hase omitido tal qual cosa, dificil de hacerse en el Paraguay, y bastar lo dicho”. ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro VI, p. 493. Grifos nossos.

¹⁹ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro III, p. 145.

²⁰ Idem, Livro III, p. 221. Grifo nosso.

²¹ Idem, Livro V, p. 336. Grifo nosso.



informações entre os jesuítas expulsos, quanto que a obra foi, efetivamente, escrita no exílio: “Referi despues esta noticia al P. Diego Moreno, de la Provincia de Chile, que a la sazón se hallaba en Ravenna, sugeto grave, y de gran discernimiento”.²²

A despeito das controvérsias, os estudiosos das obras de Sánchez Labrador inserem suas obras na categoria escrita de exílio.²³ Mais do que “relatar al mundo los éxitos y los sacrificios de los jesuitas como misioneros” o jesuíta se propôs a “ofrecer nuevos conocimientos relacionados con el saber natural” (Justo, 2011, p. 163).²⁴ Após a expulsão dos jesuítas de várias localidades da Europa e de suas colônias, “Surgió um género particular para, a través de la escritura, mostrar y difundir los agravios durante su extradición y sus consecuencias en Europa. Estos textos contribuyen también a reafirmar la identidad de los jesuitas” (Pacheco, 2011, p. 179),²⁵ pois a eles cabia “Actuar sobre el mundo y escribir sobre él” (Rosa e Martínez, 2011, p. 13).

Sobre enfermidades que podiam levar à morte e cuidados que asseguravam a saúde

Na Introdução do Tomo III, Sánchez Labrador informa ao potencial leitor que iria se deter na “compendiosa pintura de la historia del cuerpo viviente, de su existencia, de su destino, de su gobierno, y de sus facultades físicas”, e, sob uma perspectiva próxima da adotada por certos médicos ilustrados,²⁶ descreve “la mecánica, y economía animal [...] según el qual se renueva la sangre, se mantiene, se perpetua, y descaece, y falta la vida”, explicitando, assim, sua compreensão de saúde, enfermidade e morte:

Si la sangre reparte sin estorvo en diversos lugares liquidos etherogeneos, lleva libremente por todas las partes del cuerpo la Nutrición; y faltando la excesiva fermentación, que pueda causar violencia en los órganos, se dice entonces, que el cuerpo goza salud, o que esta sano. Pero si algun embarazo se opone a la libre disposición, que hace la sangre delos liquidos, que la acompañan; o si cerrados los vasos, retardan la

²² Idem, Livro VI, p. 369. Grifo nosso.

²³ As obras de José Sánchez Labrador e, em especial, o *Paraguay Natural Ilustrado*, se inserem no que é possível denominar de *escrita* ou *literatura de exílio*, na medida em que permitem “visualizar uma reação jesuítica aos ataques da Ilustração europeia” e uma defesa – pelos jesuítas exilados – do continente americano face às “várias interpretações depreciativas da América [que] presumiam a inferioridade da natureza, incluindo os habitantes, quando comparados com a Europa” (Domingues, 2007, p. 17-19).

²⁴ No século XVIII, os jesuítas abandonaram “los argumentos de la naturaleza maravillosa, llena de portentos y señales [...] para iniciar la formulación de un pensamiento ilustrado y crear sus propias nociones etnográficas y científicas del mundo americano” e esta mudança de percepção do mundo natural se constituiu em “medio a través del cual los jesuitas expulsos subrayan su control y posesión intelectual” das regiões em que atuaram e das populações indígenas que converteram ou conheceram como missionários (Millones Figueroa e Ledezma, 2005, p. 22).

²⁵ Mais do que uma identidade da Ordem, pode-se afirmar que as obras produzidas por jesuítas durante o exílio investiram também na produção de uma memória, lembrando que, segundo Maurice Halbwachs, a memória retém do passado apenas o que “é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (1990, p. 81).

²⁶ É preciso considerar que, ao longo do século XVIII, os homens de ciência se encontraram sob a influência de “la fructífera relación de la química y la medicina”, da qual resultou “un proceso de cambio en la farmacología” e na Medicina (Page e Flachs, 2010, p. 121). É plausível supor que muitos jesuítas, dentre os quais o padre José Sánchez Labrador, autor do *Paraguay Natural Ilustrado*, analisado no presente artigo, tiveram acesso a obras como a do médico holandês Boerhaave, que compreendia o funcionamento do corpo humano sob uma perspectiva mecanicista.



circulación, o causan fermentaciones violentas, se descomponen las fibras delos organos, y la Alma recibe el aviso con un doloroso sentimiento, y este del cuerpo es lo que se dice enfermedad.

Finalmente, si la sangre deja de circular a causa dela descomposición delos organos, que deven servir al libre paso dela sangre, ya suceda esto por falta de ayre, ya de calor, entonces los organos del sentido no podran recibir mas, ni tener espíritus animales, suficientes para exercer sus funciones. En tal coyuntura ya la Alma no puede recibir impresiones de los objetos sensibles, y el compuesto se deshaze, que es lo que llamamos Muerte, o sueño de la muerte.²⁷

Já no Livro VI do Tomo II, no item "Adición II", Sánchez Labrador vincula o aparecimento ou agravamento de determinadas enfermidades e, também, a incidência de mortes, às características de cada uma das estações do ano:

En el Paraguay sucede lo que en Europa en orden a las qualidades de las estaciones del año en orden a la salud; por lo que sera conveniente saberlas de cada una, y resguardarse con prudencia.

Primavera: esta es la estación mas benigna, y saludable del año para los cuerpos. Raramente causa enfermedades de cura difícil, quales son los catarros, las toses, los males de garganta, las Hemorragias, las Postillas; porque si talvez se experimentan estos males en la Primavera, cesan luego que se entra en el verano.

Verano, ù Estio: frecuentemente esta estación es abundante de calenturas, yà continuas, y intermitentes; yà ardientes, y malignas. El imoderado uso del Aguardiente, hecho del Miel de Cañas, y las Bebidas, que llaman Ponches, se carrear en el Paraguay la muerte a algunas personas.

Otoño: Suele dar principio o bastantes enfermedades entre otras mantienen con pertinencia las calenturas Quartanas, y Tercianas; las epylepsias, o males caducos, las Melancolias, Hidropesias, Romatismos, y aun muertes repentinas. Vense morir frecuentemente en esta estación algunas personas, que por largo tiempo han peleado contra enfermedades prolongadas.

Invierno: está acompañado de Toses, de fluxiones, de vahidos, de Apoplexias, y de otras muchas enfermedades. Quando el tiempo es inconstante, ò vario los sucesos de estas enfermedades son dudosas; pero si el año conserva por la mayor parte una misma constitución desde el principio hasta el fin, se puede esperar aliviar a lo efecto delas mencionadas enfermedades. Si en esta estación soplan los vientos sudes en el Paraguay, es muy prejudicial a la salud por lo demas no es estación tan temible como lo es en Europa; y hablando del Paraguay Proprio, suele decirse, que puede sufrirse el verano caloroso, [y] gozar el invierno templado.²⁸

²⁷ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo III, Introdução, p. XXXIV. Grifos nossos.

²⁸ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1771, Tomo I, Livro VI, "Adición II", p. 461. Grifos nossos.



Como é possível constatar não apenas o conhecimento das propriedades curativas oferecidas pela natureza – sobretudo, da flora americana – existente no entorno das reduções deveria ser considerado pelos missionários jesuítas, empenhados em contornar os efeitos das epidemias, como se por depreender da preocupação que tinham com sua instalação em áreas que garantissem a saúde dos indígenas. Como se constata nas Cartas Anuais da Província Jesuítica do Paraguay, no século XVIII, os missionários da Companhia continuaram observando as Instruções definidas pelo Provincial Diego de Torres Bollo, em 1610, procurando instalar as reduções longe da umidade danosa dos pântanos, para que pudessem desfrutar de ar puro, fugir dos mosquitos, sapos e víboras, e contar com boas águas para beber, lavar-se e banhar-se, erguendo-as próximos a bosques, seguindo a orientação sul, o que favorecia os ventos frescos tão necessários em regiões sujeitas a altas temperaturas.

Sánchez Labrador faz referência às enfermidades mais comuns na Província Jesuítica do Paraguai no segundo subcapítulo do Capítulo IX do terceiro e último livro do Tomo I. Para o jesuíta, as doenças decorriam das alterações nos humores do corpo humano²⁹ provocadas pelo clima quente e úmido das regiões do Paraguay, que se encontrava tanto na “Zona Tórrida” quanto na “Zona Temperada”.

Os “forasteiros” seriam, segundo ele, os mais suscetíveis às doenças, principalmente dos males do fígado e de “esponjamento” da carne, devido à diminuição ou obstrução da transpiração, decorrente do “engrossamento dos humores”. O jesuíta recomendava que tanto os “forasteiros” quanto os espanhóis que viviam no Paraguai deveriam proteger cuidadosamente os poros do corpo, cobrindo os pés durante a noite, para que a temperatura corporal não se alterasse, provocando a enfermidade.³⁰

Essa preocupação de Sánchez Labrador com a falta de transpiração e o desequilíbrio dos humores está relacionada ao fato de o jesuíta compreender as doenças e, também, as terapêuticas, com base no pressupostos da teoria hipocrático-galênica, ainda vigente no período em que o autor escreveu a obra. De acordo com esta teoria, as enfermidades eram causadas pelo excesso ou ausência de algum humor: “Se a saúde assentava no equilíbrio, a doença era, em primeiro lugar, desequilíbrio, devido ao excesso de um dos elementos constituintes do corpo, ou a um excesso de calor, de frio, de seca ou de humidade” (Micheau, 1985, p. 46).

Como as doenças eram causadas pelo excesso desses humores, os procedimentos terapêuticos recomendados por esta teoria visavam a expulsão dos maus humores através do sangue, das fezes, da urina, da transpiração, do vômito e das demais formas de excreção. Por essa razão, Sánchez Labrador considerava muito preocupante qualquer impedimento da transpiração no corpo humano, pois era por meio dela que o corpo se livrava dos maus humores e, caso fosse obstruída, esses humores poderiam se acumular no corpo e causar doenças:

²⁹ Segundo a teoria hipocrático-galênica, o corpo é regido por quatro humores básicos; o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra que, por sua vez, guardam relação direta com os quatro elementos; fogo, água, ar e terra e suas qualidades de seco, úmido, quente e frio. A doença, consequentemente, resultaria do desequilíbrio entre desses humores, que deveria ser recuperado mediante sangrias, purgas e vomitivos.

³⁰ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1771, Tomo I, Livro III, Cap. IX, p. 530.



*si la transpiración, o copiosa en sudor, o menos sensible está libre, no molesta a la salud: pero si se impide, y el cuerpo no se desfoga por los poros, se experimenta pesadez, la qual indica materia, que en breve se dara a conocer en una enfermedad fuerte.*³¹

No terceiro livro do Tomo I da obra, o jesuíta faz recomendações para os que viviam no Paraguay, tais como não consumir nada muito quente nem muito frio. A ingestão em excesso de líquidos quentes podia causar, segundo ele, “caimiento, desmayos, afeminan los cuerpos, que quedan en una laxitud deplorable, sin color, ni fuerzas, por la dissipación abundante de los espíritus vitales”. Já o consumo de bebidas frias podia provocar “entorpecimiento de los miembros, obstrucciones, reprimiendo hacia adentro la materia, que debía transpirarse”.³² O jesuíta recomenda que exercícios fossem praticados logo cedo pela manhã ou no final da tarde, para que não houvesse exposição excessiva ao sol e para que o ar do Paraguay não aumentasse ou causasse ardor nos “espíritos vitais” e humores do corpo. Trabalhos e exercícios extremos também não eram vistos como positivos para a saúde, assim como deixar de dormir, que podia afetar, principalmente, a cabeça.

Sánchez Labrador também critica o consumo de aguardiente e de ponche, que causariam problemas aos que ingerissem em excesso:

*que la bebida del Aguardiente [...] les acarrea muchos males, usada con nimiedad, y frecuencia. Su uso ca siempre acompañado de tristes, y desgraciados efectos: porque sutaliza, y extenua el cuerpo; disminuye, y quita las fuerzas; entorpece, y ofusca el cerebro.*³³

Apesar de destacar os males da bebida e de enfatizar que aqueles que se entregavam aos deleites de Baco e Vênus estavam mais suscetíveis às doenças, o jesuíta condena as abstinências, afirmando que ficar muito tempo sem comer, dormir e beber também implicava prejuízos à saúde, especialmente, para os que tinham problemas com a bÍlis. Ao abordar a ingestão de vinho, Sánchez Labrador afirma que o francês seria melhor do que aquele produzido na Espanha, e que esta bebida não deveria ser ingerida em quantidade, pois “Cometen un grande error contra sus vidas los que le beben en mayor abundancia de lo que conviene en estos temples calientes”.³⁴

Ainda neste mesmo livro, o jesuíta descreve as doenças de verão, as de inverno, as epidemias e viroses. Sobre as primeiras, afirma que eram causadas pelo clima mais seco desse período, e que seriam menos prejudiciais e mais fáceis de curar do que as de inverno, causadas pelo frio e pela umidade. Entre as enfermidades de verão estariam as “Dolores de costado, los tabardillos, y calenturas ardientes”, além das doenças que teriam relação direta com o tempo

³¹ Idem, p. 532.

³² Idem, p. 533.

³³ Idem, p. 534.

³⁴ Idem, p. 535.



seco como “males de ojos, disenterias, herpes, fuegos, o sarpullidos, comezón por todo el cuerpo, vahidos de cabeza, [etc.] males, que provienen de lo sangre requemada”. As doenças de inverno estariam estreitamente relacionadas com a umidade e as chuvas dessa estação e causariam, além dos problemas de cicatrização por causa da umidade, males como “calenturas pútridas, y abundancia de flemas de la cabeza, y vientre, fluxiones, caída dela ternilla del estomago ensiforme, fluxos blancos del vientre, hydropesías, y hernías. Sobre todo opilaciones del higado, y flaquezas del estomago, pasmos, y otros afectos de los nervíos”.³⁵

Ao final desse subcapítulo, que versa sobre as enfermidades mais frequentes do Paraguai, Sánchez Labrador menciona os autores nos quais se baseou, para fundamentar algumas afirmações e recomendações, apontando ainda para a apropriação e circulação de saberes, e de certas obras. Dentre eles destacam-se, em especial, os jesuítas Pedro Montenegro, autor da *Materia Medica Misionera* (1710) e do *Libro de Cirugía* (1725), e Juan de Esteyneffer, autor de *Florilegio Medicinal* (1729) e Frei Agustin Farfan, autor de *Tratado breve de medicina y de todas las enfermedades* (1610):

Para formar idea del Temperamento del Paraguay es suficiente los hasta aqui escrito. Quien desee informarse mas por entero delas enfermedades en particular, que son frequentes en estos Países, podra satisfacer su curiosidad leyendo varios opusculos M. S. que andan en manos de Todos. Sus Auctores han sido Misioneros Jesuítas, muy inteligentes en Medicina, especialmente Hermanos coadjutores, que la estudiaron, y practicaron antes de tomar el estado religioso. Entre todos sobresale el H^o. Pedro Montenegro, cuyo estudio fue continuo en la Botanica, Pharmaceutica, Medicina, y Cirugía para bien de las gentes del Paraguay, y singularmente de los Indios. En el idioma Guarani compuso algunos Libros, y otros en la española. Son También dignas de estimación las obras de F. Agustín Farfan (...) y el Florilegio Medicinal del H^o. Steyneffer, Jesuíta, obras, que aunque que se escribieron en la Nueva España, sirven también en el Paraguay por la uniformidad de los climas, y medicamentos nativos.³⁶

Entre os autores não jesuítas, constam Jacobo Boncio³⁷ e Guilherme Piso,³⁸ sendo o último autor constantemente referido por Sánchez Labrador, ao longo dos quatro tomos do *Paraguay Natural*:

Por la misma razon se deben leer, y apreciar las obras de Jacobo Boncio, escritas para la Java, y el segundo Libro dela Historia Natural del Brasil, que dío a luz Guillermo Pison, cuyo titulo es, De Medicina Brasiliensium, sin omitir las noticias generales, que pone en el Libro primero. Este escritor

³⁵ Idem, p. 536.

³⁶ Idem, p. 537.

³⁷ Jacobo Boncio (1592-1631) atuou como médico da Companhia Holandesa em Java.

³⁸ O médico e naturalista holandês Guilherme Piso (1611-1678) atuou em uma expedição ao Brasil, entre os anos de 1637 e 1644, como médico particular do conde Maurício de Nassau (1604-1679), governador da colônia holandesa instalada no Nordeste do Brasil, no período de 1636 a 1644. Escreveu, com George Marcgraf, a obra “*Historia Naturalis Brasiliae*” (1648), primeira publicação científica sobre a geografia e natureza do Brasil (Pickel, 2008).



*diligente pone en lengua Guarani, universal en el Brasil los nombres delas Plantas, Hierbas, y otros específicos, propios también del Paraguay, en que el dicho idioma es comun. En el Discurso de esta ilustración dela Naturaleza del Paraguay se escriben muchos remedíos, que suministran los tres reynos mineral, vegetativo, y sensitivo en estas dilatadissimas regiones, valéndonos de las noticias, que dan los Auctores referidos, y otros Libros.*³⁹

Em algumas passagens do segundo livro do Tomo II, o jesuíta reconhece o conhecimento que os indígenas possuíam sobre as virtudes de certas plantas e a eficácia de alguns procedimentos terapêuticos: “los Indios, cuyas fuerzas no alcanzan a pagar las medicinas, trahidas de lejos, ni a los médicos, que sirven muy poco aun a los acaudalados del País, poseen el conocimiento de bastantes hierbas, y plantas, que usan con feliz sucesso”. Na continuidade, ao fazer referência às virtudes medicinais de algumas ervas empregadas pelos indígenas – Acangita Plateada e Carquexa – ele afirma que, apesar de “No sabe[re]n dar razon de las causas, que aflijen los cuerpos, pero con instinto medico, por explicarme asi, no se les ocultan las plantas, con que se curan en breve tiempo, sin purgar con violencia, sin amargar la boca, y comover todas las entrañas”.⁴⁰ No terceiro livro da Segunda Parte, ao tratar sobre o Palo Santo ou Guayaco, o jesuíta relata as várias formas de utilização pelos indígenas:

*Los Indios se sirven dela decocción del Palo Santo en sus dolores de estomago, que nacen de [frío]. Por hervor delas astillas se saca resina abundante. De la qual, y se la que sudan los arboles, se valen las infieles indias Mbayas para dar verniz negro lustroso a las bocas de los cantaros, en que tienen agua, y a otros utensilios. No comunica mal sabor al agua; porque aunque es amarga, participa de algun dulce, como el del orozuz; y quando se endurece no la deslié el agua, ni se percibe su amargor. La carcoma del Palo Santo, puesta sobre las llagas, aunque sean envejecidas, las limpia, y cura.*⁴¹

Ao tratar da tintura retirada da árvore denominada Ñandipa, que “alivia los cuerpos”, Sánchez Labrador informa que “Preguntados los Indios, porque se tiñen con el Zumo del Ñandipa? Responden, que con esta tintura sienten alivio, y descanso para sus cuerpos. La respuesta parece barbara, pero bien considerada tiene un fondo de buena physica”.⁴² Em seguida, no mesmo parágrafo:

Cansanse los Indios en sus cazas, y en otros ejercicios de su inconstancia; los ardores del sol ponen desmanzelados sus cuerpos, por la desuada transpiración. No sera, pues, milagro, que reciben fuerzas con dicho tinte,

³⁹ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1771, Tomo I, Livro III, Cap. IX, p. 537.

⁴⁰ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro II, p. 131. Vale lembrar que no século XVIII, dentre os procedimentos terapêuticos mais empregados, ainda constavam a purga e a sangria, além de unguentos mercuriais, de pó de unicórnio, do milagroso bezoar e das inúmeras beberagens, cujos ingredientes imprescindíveis eram o vinho e o azeite, tão em voga na Medicina do Renascimento.

⁴¹ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro III, p. 189.

⁴² Idem, p. 262. Grifos nossos.



*que con su virtud adstringente aprieta los poros; detienese la transpiración copiosa, que los dessubstanciaba; y asi se hallan mas agiles, y expeditos.*⁴³

Inúmeros são os trabalhos que apontam os jesuítas como os responsáveis pela divulgação para a Europa dos saberes e práticas terapêuticas adotadas pelos indígenas, bem como dos recursos medicinais por eles utilizados, dentre os quais plantas, insetos e pedras bezoares.⁴⁴ Ao analisar a produção científica da Companhia de Jesus, constata-se o esforço de padres e irmãos para adequar os conhecimentos indígenas aos referenciais cristãos e europeus, buscando adaptá-los ao público leitor e consumidor, para compreendê-los, valorizá-los e utilizá-los da melhor maneira possível. É preciso, no entanto, considerar que tal aproximação entre os dois continentes – americano e europeu – ocorreu “bajo el foco selectivo de los misioneros, pues se comprenden lo comprensible y se omiten los residuos de la ‘barbarie’ e de la ‘idolatria’” (Anagnostou e Fechner, 2011, p. 175). Em se tratando de Sánchez Labrador, este critério pode ser ilustrado pela seguinte passagem:

*La Planta en su primer ser es toda obra de la Divina Mano. El mismo Dios con soberano imperio en el tercer dia del Mundo mando a la Tierra, que su seno produxese la verde hierba, que hiciese su propia simiente; y también arboles, que se mostrasen cargados de frutos segun sus especies, y las simientes, delas quales en lo por venir naciese cada uno, y se multiplica ser perpetuamente. [...] Dios los hizo todo en este principio del Mundo [...] Efectivamente ahora, segun las leyes, que al principio de las cosas establecio su Auctor, nacen las simientes, y las Plantas, por verdadera, y natural producción, a la qual concurren como causas segundas la tierra, el sol, y un humor proporcionado.*⁴⁵

Por outro lado, o missionário jesuíta não deixa de referir que sua obra estava orientada “por la utilidad de las noticias para los usos de la sociedad humana, que servirán no poco en estas Provincias del Paraguay, a lo menos para que sus habitantes aprecien las producciones deses tierras, y puedan utilizarse de ellas”.⁴⁶ Para a historiadora argentina Maria Silvia Di Liscia (2002), o conhecimento da flora e da fauna americanas tinha uma base científica para os membros da Companhia de Jesus, mas também contava com um evidente fim prático, que compreendia tanto um viés de necessidade de sobrevivência como econômico. De acordo com essa autora, vendia-se para a Europa, mercado preferencial da América platina, madeiras, tintas, alimentos e medicamentos. O destaque dado por Sánchez Labrador à diversidade de plantas e de suas virtudes medicinais e à “La utilidad, y usos delas Plantas” é evidenciado neste trecho:

⁴³ Idem.

⁴⁴ Sobre o destaque concedido por Sánchez Labrador às virtudes medicinais de plantas, insetos e pedras bezoares, recomenda-se Fleck, 2015 e 2016.

⁴⁵ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro I, Cap. I, p. 3.

⁴⁶ Idem, Livro VI, p. 358.



*Devese observar, que Dios en la producción de las Plantas se acomodo a la varia qualidad de las Tierras, de las estaciones del año, y de los climas, que de la próxima formación del sol se habían de derivar. Ni puso en todos los países todas las Plantas, ni las produjo en todos en un mismo estado. De aquí es, que la America, y el Paraguay producen sus plantas propias, distintas, y diversas por lo general de las de la Europa, Africa, y Asia. De esta hermosa variedad no hay mas razon que haverlo asi querido, y dispuesto el Author de toda la Naturaleza.*⁴⁷

No Livro VII, no capítulo intitulado “Algunos Usos Utiles, y Curiosos”, o jesuíta informa que:

*En el discurso de los Libros precedentes en esta Segunda Parte del Paraguay Natural se han puesto muchas utilidades, con que brindan sus producciones vegetables. Reservaronse para este Libro otras, que requerían mas Papel, y tiempo. Las he juzgado importantissimas al paso que exequibles en estas Provincias, que abundan de los Materiales, e Ingredientes para practicarlas.*⁴⁸

As virtudes medicinais da flora americana e seu manejo pelos indígenas são constantemente referidos por Sánchez Labrador, que não deixa de reportá-los no Livro I do Tomo II. Nele, o jesuíta menciona as utilidades da árvore Ycica e de sua resina, ou goma, especialmente, para a saúde, afirmando que nas missões dos índios Chiquitos é possível encontrar essa árvore em quantidade, e que esse grupo indígena emprega sua resina para a cura: “Para esto los tales Indios ponen en agua caliente, siéntase la Resina, cuyo oleo en parte sobrenada: bevense el agua, y sin mas remedio se libran de algunas aflicciones del estomago, y vientre, causadas del frío”. Nessa mesma página, o autor refere que, já instalado em Ravena, encontrou a resina da Ycica em uma Botica, acrescentando que: “En el Paraguay Proprio se recoge la Ycica en tanta abundancia, que con ella se pudieran proveer todas las Boticas de España”.⁴⁹

O jesuíta também não se furtou de apontar os riscos de quem consumisse determinadas plantas, sem conhecimento sobre suas propriedades ou em procedimentos terapêuticos considerados como prejudiciais à saúde.

Sobre as virtudes e a toxicidade de algumas plantas

Ao final do Livro III do Tomo II, o jesuíta apresenta um tópico intitulado “Curiosidades”, dividido em dois tópicos: “Conocer las frutas saludables, o danosas” e “No perder el rumbo, o camino en los bosques”. No primeiro, Sánchez Labrador explica que era importante,

⁴⁷ Idem, Livro I, p. 6.

⁴⁸ Idem, Livro VII, p. 462.

⁴⁹ Idem, Livro III, p. 145.



principalmente para futuros missionários e para aqueles que se embrenhassem nas matas em busca de índios infieis, saber reconhecer quais frutos eram venenosos e quais eram bons para comer. O jesuíta recomenda que fossem consumidos somente os frutos que serviam de alimento para insetos e aves, pois estes, com certeza, não deveriam ser venenosos. Apesar de reconhecer que este conhecimento provinha da observação e da experiência, o jesuíta informa que tal informação encontrava-se na obra do botânico Francisco Eulalio Savastano, a quem ele refere como “elegante Poeta”.⁵⁰ De acordo com Labrador, “de este mismo indicio se valieron los europeos, que sin conocimiento de las plantas discurrieron, y viajaron al principio por las selvas de la America comían, y tenían por saludables aquellas frutos, que las Aves picaban”.⁵¹ Já na Introdução do Tomo I, o jesuíta ressalta que “En el Tratado de las Plantas se ponen las calidades de aquellos frutos que abundan en estos Países. En el de las Aves, y Animales, se podrán ver los que suministran mejor alimento”.⁵² Neste mesmo Tomo, há um subcapítulo intitulado “Frutas buenas y modo de usarlas”, no qual ele informa que:

*Puedense tomar, y con buenos efectos se comen las ricas frutas que produce este País. Duraznos de todas especies, manzanas, limones, cidras, Naranjas de la China, Granadas, Membrillos, Mbarucuyas, o Granadillas, y otras semejantes. Las Piñas, o Ananas con moderación, sandías, melones [...] Porque todas estas cosas ayudan grandemente al hígado, con tal que esten sazadas, o perfectamente maduras. Las Pacobas, tomadas con discreción, son saludables: y también el zumo delas cañas dulces, que refresca la sangre, y fortifica el estomago. En orden a estos frutos se ha de procurar, a mas de su total sazon, el cogerlas quando ya el sol, ha hecho exhalar de ellos los vapores nocturnos. También, a excepción de los adstringentes, es mejor comerlos antes de otros alimentos, y no despues de ellos. Porque habiendo muchos de substancias leves facilmente se corrompen, y dañan principalmente a los de estomago destemplado, y devil.*⁵³

No Tomo I, Sánchez Labrador refere-se à variedade de frutas nativas do Paraguai, saborosíssimas, auxiliavam na manutenção da saúde e deveriam ser ingeridas preferencialmente pela manhã e antes das refeições. Já no Livro I do Tomo II, Sánchez Labrador informa que era “una delicia caminar por las selvas del Paraguay, pois “recrean al olfato, no obstante la fatiga de casi todo el cuerpo, los fragrantés efluvios” despendidos pelos bálsamos que brotavam das árvores. De acordo com o jesuíta, “El Balsamo no es otra cosa, que un licor resinoso, cuyo olor agradable al hombre [...] sirve a la restauración de la salud”.⁵⁴ Para os “Physicos antiguos”, os bálsamos eram “toda suerte de medicina, que se distinguía por su fragrancia agradable”,

⁵⁰ Trata-se de P. Francisco Eulalio Sabastani (Savastano) (1657-1717), autor das obras “Livre de poésie et de botanique - Frontispice, bandeaux” (1712) e “I quattro libri delle cose botaniche colla traduzione in verso sciolto Italiano” (Veneza, 1749), que escreveu com Gian Pietro Bergantini.

⁵¹ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro I, 1772, p. 123-124.

⁵² ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1771, Tomo I, Introdução.

⁵³ Idem, Livro III, p. 532.

⁵⁴ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro II, p. 107.



utilizados contra “la putrefacción [y] la corrupción, limpiando, consolidando, y cicatrizando las heridas”, sendo que seu primeiro uso foi “para embalsamar, y conservar los cuerpos muertos de aquellos que se habían distinguido con acciones heróicas y hechos amables a las gentes con la practica de sus virtudes”.⁵⁵ Com a comprovaçãõ de sua eficácia contra “la incorrupción, que los Balsamos comunicaban a los cadaveres por muchos años, empezaron los inteligentes a creer, que la eficacia de los Balsamos podría también aprovechar a los vivos, prolongarles la vida”.⁵⁶

Este aspecto pode ser ilustrado nesta passagem, em que o missionário afirma que o bálsamo extraído da copaíba, dentre suas inúmeras virtudes e aplicações, “ha sanado a algunos enfermos sin esperanza de vida”, como nos casos de “mordeduras de animales venenosos”.⁵⁷

*Effectivamente, además de lo dicho, y de lo que se ira diciendo, varias experiencias, repetidas muchas veces, y siempre con feliz suceso, en enfermos ya casi moribundos, han hecho conocer, que tomándole interiormente fortifica el corazon, el estomago, el pecho, la cabeza, el cerebro; purifica la sangre, expele por arriba, o por abaxo, o por transpiración todos los malos humores; excita el apetito, aumenta el calor natural en las personas de edad, y provoca algun sudor [...] Quando se aplica exteriormente fortifica los nervios; resuelve los humores frios, sana las heridas, las quemaduras; las mordeduras de animales venenosos; los reumatismos; detiene la gangrena; sana ciertas machas malignas.*⁵⁸

Na continuidade, o jesuíta, exalta as propriedades curativas do “aguape miri”, que operava “cura como por milagro”:⁵⁹

*crece en las orillas de los arroyos, y en lugares humedos. La hogita es redonda, colocada en su pezoncito largo; y parece, o es la que llaman los españoles del Peru Oreja de Abad. Al paladar es gustosa, pero mucho mas util a los ojos. Masticada, o machacada, y aplicada a los ojos algunas veces en varias noches, vence a toda enfermedad de ellos, deshace las nubes, aplaca el dolor, restituye a su ser el organo de la vista, que cura como por milagro. [...] El Inca Garcilaso dice prodigios de esta planta, que el llama Oreja de Abad, en orden a curar los ojos.*⁶⁰

⁵⁵ Idem, Livro III, p. 107.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Interessante observar que na documentação jesuítica são recorrentes as menções a acidentes com animais venenosos, como serpentes, escorpiões e aranhas, que podem ser atribuídas tanto ao ambiente natural em que as reduções se estabeleceram, quanto a desordens climáticas, tais como secas ou enchentes, que podem ter favorecido sua proliferação ou deslocamento para outras regiões. Dentre as plantas que tanto o irmão Pedro Montenegro, quanto o padre José Sánchez Labrador referem para uso específico em acidentes com animais peçonhentos, está a “taropé”, popularmente conhecida como *figueirilha*, pertencente à espécie *Dorstenia brasiliensis* Lam., e que, em trabalhos atuais, é referida por suas propriedades antiofídicas, diaforéticas e antifebris.

⁵⁸ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro III, p. 136.

⁵⁹ É preciso considerar que no século XVIII os médicos [e nem os missionários empenhados no atendimento das enfermidades dos indígenas] não tinham ainda à sua disposição uma terminologia rigorosa e métodos seguros de diagnóstico. Havia, ainda, algumas doenças que cediam ou pareciam ceder, levando os indígenas a estabelecerem uma relação entre fé e milagre, e entre conversão e cura, fundamental para o projeto de conversão e civilização dos missionários jesuítas.

⁶⁰ ARSI: Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural. Ilustrado*, 1772, Tomo II, Livro V, p. 355.



Entretanto, no Livro III deste mesmo Tomo, Sánchez Labrador refere os cuidados que deveriam ser tomados quando da utilização de certos “Piñones [que] purgan aun con mayor violencia, que el Ricino comun, esto, el Tartago; y es purga peligrosa, aunque se acompañe con algun correctivo”. De acordo com ele, “Tres, o quatro Piñones, comidos crudos [...] son capaces de hacer rebentar por cursos, y vomitos, y de poner a uno en los umbrales de la muerte [pois] causan desmayos mortales, y es preciso ocurrir a tiempo con Alexipharmacos”. Mais adiante, o jesuíta refere que falava “de propria experiencia; pues habiendo me dado un Curandero esta purga [...] en diez y nueve feroces evacuaciones me puso otras, tantas veces a riesgo de perder la vida con desmayos extremos. Gracias a Dios, que un Cavallero, mi Amigo, conoció el Purgante, y me socorrió a tiempo”, o que parece justificar a recomendação que faz no tópico “Uso legitimo de esta purga”:

Su uso legitimo, y no tan arriesgado, es en las diuturnas obstrucciones de las entrañas. Tomanse quatro, o cinco Piñones bien maduros, limpiándoles de las telitas exteriores, y interiores; despues se tuestan levemente; infundense en un poco de vino con algun correctivo, y asi se administran. Debense advertir dos cosas, la I^a. que consta por experiencia en el Paraguay, que si los Piñones se maceraron en vino, y la operación excede lo justo, se ataja bebiendo agua, o un buen caldo. Lo contrario sucede si se dieron en agua, o caldo: el remedio es el vino. La II^a. que algunos falsamente se persuaden, que a los Piñones se les quita toda su malignidad, y furia, con sacar la telita, que por medio los divide. Porque despues de esta diligencia, si se excede, obran con toda eficacia. Lo experimente, y lo contexta Pison.⁶¹

Neste mesmo Livro do Tomo II, há menção a uma árvore, que por sua toxicidade teria causado enfermidades e, até, a morte de muitos dos primeiros conquistadores espanhóis:

La madera de este arbol es bella, dura, y solida como la del Nogal [...] Quando a la corteza del manzanillo se le dan algunos cortes, brota un jugo blanquísimo como la leche, que es un veneno acre, activísimo, ardiente, y mortal. El que se arriesga a reposar a su sombra, conoce en breve la malignidad: se le inflaman los ojos, y se le hincha todo el cuerpo. El rocío, y la lluvia, que caen sobre sus hojas, si tocan a alguno, le levantan ampollas en la cutis; lo mismo hace la hoja. [...] En suma este arbol contiene en todas sus partes un [toxico] corrosivo, y horrible, como el oboxoos.⁶²

Os índios Caribes, segundo ele, “quando van a envenenar sus flechas en el jugo de este arbol, vuelven la cara, y cortan la corteza de manera, que el jugo no las salpique, principalmente en los ojos”, acrescentando que “Las armas, y las Flechas, que se haigan untado con el jugo del Manzanillo conservan por largo tiempo la qualidad ponzoñosa, y asi se observa en las flechas de

⁶¹ Idem, p. 184.

⁶² Idem.



los Chiquitos”.⁶³ Em tópico específico, o jesuíta descreve a “Arbol fatal a los conquistadores”:

*Este es aquel arbol tan fatal a los españoles de la primera conquista dela America, que costó a muchos incautos, y que no le conocían la vida. Atrahidos dela belleza de sus frutos, los comían, se le hinchaban, y morían. El unico remedio, que por entonces les enseñó la experiencia, para prevenir los mortales accidentes era el Aceyte comun bebido, antídoto eficazísimo contra el veneno. Conocieron, que las reiteradas fricaciones, y las bebidas frescas impedían las consecuencias del veneno. Algunos pretenden, que se podra sanar bebiendo seguido, o con presteza un vaso de agua del mar. Acaso la sal, y agua salada haría el mismo efecto. Hase observado, que aun los irracionales, guiados de su natural instinto, huyen de este fatal arbol, enemigo de los vivientes. Para aprovechar su veteada madera, la dexan secar, y asi la labran.*⁶⁴

No Livro VI do Tomo II, consta uma passagem em que o jesuíta refere que: “El Tabaco hace morir las culebras, y bivoras, las lagartijas, escorpiones, y semejantes animales: y si se les agurea la piel, y se introduce en el agujero un pequeño pedazo de Tabaco; o también si se les hace recibir el humo, mueren”.⁶⁵ Ao abordar a morte de animais, o jesuíta refere-se à “La Putrefacción de los humores de los animales”, afirmando que se tratava “verdaderamente [de um] movimiento intestino [que] nunca produce acidos, o inflamables espiritosos, sino phosphoricos; y portanto del todo diversos de toda fermentación; porque sino produce espiritu, o ardiente, o acido, nunca la llamare fermentación”.⁶⁶

Em outra referência às virtudes medicinais do tabaco e à sua utilização como “un remedio efficacissimo contra el Sarampión”, Sánchez Labrador recomenda que “no les aplique remedio alguno; solamente es bueno tomar vomitos, cada día uno, compuestos con Tabaco: con estos vomitos se quita el dolor de cabeza, y pecho.” As orientações que compartilha resultam de informações que obteve sobre uma epidemia “de sarampión en las Misiones de los Neophytos Guaranis”, sendo que o P. Francisco de Azevedo teria utilizado tal preparado com sucesso, “que siendo los enfermos en la Doctrina de Ytapua seiscientos, y treinta, y ocho; solamente murieron veinte y tres, y de estos los mas por sus desordenes.” O mesmo teria ocorrido “en una Reducción de Neophytos del Chaco”, onde “una epidemia [exetiva]” foi combatida “con el remedio dicho del Tabaco, como me lo refirió el P. Luís Olcina, que actualmente se hallaba ella, y otros misioneros”.⁶⁷

De acordo com historiadores e demógrafos, foram as altas densidades populacionais que tornaram as reduções vulneráveis às epidemias, sobretudo, de doenças contagiosas, como

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem, Livro VI, p. 434.

⁶⁶ Idem, Introdução, p. X.

⁶⁷ Idem, Livro V, p. 434.



o sarampo e a varíola⁶⁸, constantemente referidas pelos missionários jesuítas, tanto nas Cartas Anuas quanto em obras como as aqui analisadas. Na Carta-Relação de 1747, o padre José Cardiel recomendava que os missionários que se dirigiam à América trouxessem alguns livros, inclusive um de “medicina casera” (Cardiel Apud Furlong, 1953, p. 212-213),⁶⁹ o que poderia explicar o conhecimento e o uso de preparados à base de tabaco por missionários que não eram versados em botica ou medicina. Não se deve desconsiderar, ainda, o contato que os padres encarregados das reduções mencionadas por Sánchez Labrador tiveram com receituários ou Matérias Médicas, os quais, após copiados pelos próprios autores ou, então, por copistas indígenas, circulavam nas várias regiões atendidas pela Companhia de Jesus, conformando uma rede de troca de experiências e de informações.

Considerações Finais

Paraguay Natural Ilustrado foi escrito pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador, entre os anos de 1771-1776, durante seu exílio em Ravena, na Itália. Esta obra, que se encontra no Archivo Romanum Societatis Iesu (ARSI), subdivide-se em quatro tomos – Terra, Água e Ar; Botânica; Mamíferos, Aves e Peixes; Anfíbios, Répteis e Insetos – nos quais, além das percepções sobre a natureza americana, há informações relativas aos saberes e às práticas curativas adotadas pelas populações indígenas das regiões da vasta Província Jesuítica do Paraguai.

Para Sánchez Labrador, assim como para outros jesuítas, a expulsão teve, paradoxalmente, uma repercussão positiva sobre sua formação científica, uma vez que, “obligados a abandonar su labor misionera, se dedicaron a ordenar sus datos y a comunicar sus hallazgos y conocimientos a la luz de los avances científicos de la época [y de] la bibliografía que tuvo ocasión de consultar en esta ciudad italiana”, durante seu exílio em Ravena (Sainz Ollero et al., 1989, p. 194). Este contato com a ciência europeia “del momento y los autores clásicos, constituye un aspecto fundamental de su obra, que se destaca por su erudición y enciclopedismo”, pois o jesuíta conhecia “la obra química de Robert Boyle, había leído a autores clásicos como Hipócrates, Aristóteles, Plínio, Galeno y Dioscórides, alguns árabes como Avicena y contaba con las principales obras médicas de los siglos XVI y XVII, como las de Aldrovandi, Mattioli, Vesalio, Ramazzini, Pisón” (Sainz Ollero et al., 1989, p. 204). No exílio, adotou certa visão científica “en el sentido moderno de la palabra

⁶⁸ As maiores epidemias foram registradas nos anos de 1618, 1619, 1635, 1692, 1695, 1718, 1733, 1735, 1737, 1739 e 1764. A epidemia de sarampo de 1695 matou 600 pessoas na redução de Candelária e 2.000 na de San Carlos. Contabilizaram-se 18.700 mortos na epidemia de sarampo de 1733; e 18.000 na de 1735. Já a epidemia de varíola de 1737 implicou em 30 mil mortos. Segundo dados do historiador norteamericano Robert Jackson, a população das reduções caiu de 141 mil em 1732 para 73.910 em 1740, tendo se recuperado durante as duas décadas seguintes. As taxas de mortalidade tendiam a ser altas, sobretudo entre as crianças e os velhos. Em 1733, por exemplo, morreram 400 adultos e 371 crianças e, em 1736, 1.655 adultos e 1.026 crianças, na missão de São Lourenço. Em relação a estas crianças, muitas morriam antes de cumprir seu primeiro ano de vida. Em 1740, os dados gerais de nascimento e morte para cada mil habitantes eram de 79,4 (para as do Paraná) e 40,8 (para as do Uruguai), comparados com os dados gerais de morte que eram de 51,3 para as primeiras e 34,1 para as segundas (Jackson, 2004).

⁶⁹ CARDIEL, José SJ. Carta y Relación de las Misiones de la Provincia del Paraguay (1747). In: FURLONG, Guillermo. *José Cardiel SJ. y su Carta Relación (1747)*. Buenos Aires: Librería del Plata, p. 115-213.



[...] una noción dinámica de las ciencias”, e, com um vigor que podemos denominar de ilustrado, descreveu a natureza como útil e “detalladamente clasificable por la investigación”, a partir de “una idea clara del progreso en las ciencias” (Huffine, 2005, p. 295-297).

Segundo alguns estudiosos da produção do jesuíta Sánchez Labrador, esta obra, “a la par de deleitar e instruir, asombra por la profundidad de sus conocimientos”, revela sua “extraordinária capacidad mental y notable erudición” (Moreno, 1948, p. 20), condição que o torna “un paradigma de toda aquella generación” de missionários jesuítas que atuaram na América platina no século XVIII, não apenas por seu extenso conhecimento da área missioneira, mas por seu interesse “desde un primer momento [en] la naturaleza americana”, já que “nada escapó a su curiosidad, desde el clima, la geología, la botânica o la zoología” (Sainz Ollero et al., 1989, p. 101-102).⁷⁰

Para o autor do *Paraguay Natural Ilustrado*, “el uso de especies vegetales como medicamentos” deveria se orientar pela “lógica [que] se daba en relación con el acercamiento al mundo natural, utilizando y aprovechando sus ventajas” (Di Liscia, 2002, p. 40). Os jesuítas, efetivamente, assimilaram “algumas ideias caras à Ilustração – ainda que [de forma] seletiva e católica” (Domingues, 2007, p. 233), o que, contudo, não significou “un rechazo absoluto del estudio de la naturaleza inspirado por la maravilla y el asombro que infundían las complejidades y misterios del mundo natural americano”, de tal forma que a produção de um conhecimento baseado na observação e na experiência – tão caro aos jesuítas – “no ensombreció la fascinación por los misterios de la naturaleza” (Millones Figueroa e Ledezma, 2005, p. 22). É preciso, portanto, considerar que, a despeito de suas experiências sensíveis e do esforço de interpretação objetiva e científica, estes religiosos não deixaram de considerar “una serie de supuestos dogmático-teológicos y ontológicos [y] el aparato conceptual y ideológico subyacente al ‘marco epistémico’ de la época” (Ottone, 2008, n. 24, p. 9-21).

Distanciando-se das explicações que podemos encontrar nas Cartas Ânua da Província Jesuítica do Paraguai dos séculos XVII e XVIII, nesta obra, o missionário jesuíta nos apresenta as doenças e a morte como resultantes não de condutas morais transgressoras e em desacordo com as regras previstas para o “viver em redução”, mas das condições climáticas adversas de cada estação do ano, de uma alimentação desregrada, do consumo excessivo de bebidas ou, então, da ingestão descuidada de certos grãos ou frutos tóxicos. A saúde, portanto, não tinha relação com uma vida virtuosa e sem pecado, mas decorria, essencialmente, do equilíbrio dos humores, razão pela qual os procedimentos terapêuticos por ele indicados se fundamentam nos pressupostos hipocrático-galênicos, e, em sintonia com as Matérias Médicas, nas virtudes medicinais de determinados minerais, animais e plantas. Mas as mortes podiam resultar também de doenças contagiosas, como o sarampo e a varíola, que segundo Sánchez Labrador, deveriam ser combatidas com preparados, infusões e bálsamos, e não com orações, procissões, água benta ou relíquias, procedimentos que seguiam sendo adotados por padres e irmãos não versados em

⁷⁰ De acordo com Moreno, *Paraguay Natural Ilustrado* se caracteriza “por la cantidad y calidad de las observaciones personales y por el enorme número de citas bibliográficas que contiene. Esto demuestra que Sánchez Labrador dominaba todos los conocimientos de la época” (Moreno, 1948, p. 20).



botica ou medicina no século XVIII.

Como procuramos demonstrar neste artigo, o *Paraguay Natural Ilustrado* do missionário Sánchez Labrador reúne informações procedentes tanto de suas observações e das que obteve com indígenas⁷¹ e outros missionários, quanto daquelas que se encontravam em obras redigidas por homens de ciência – leigos ou religiosos –, com os quais estabeleceu um interessante diálogo, posicionando-se, também, em relação às teorias vigentes na Europa do Setecentos. As singularidades de sua narrativa, marcada inequivocamente pela experiência missionária nas terras de missão e pelo exílio, associadas à visão científica e a certo vigor ilustrado parecem explicar as concepções de saúde, doença e morte do padre jesuíta, as descrições que fez das enfermidades mais comuns na Província Jesuítica do Paraguay, as recomendações e cuidados que deveriam ser tomados para assegurar a boa saúde, bem como as referências às plantas e aos procedimentos terapêuticos que podiam levar à cura ou provocar o óbito.

Referências bibliográficas

ANAGNOSTOU, Sabine y FECHNER, Fabian. Historia Natural y Farmácia misionera entre los jesuitas en el Paraguay. In: WILDE, Guillermo (ed.). *Saberes de la conversión*. Jesuitas, indígenas e impérios coloniales en las fronteras de la Cristiandad. Buenos Aires: SB, p. 175-190, 2011.

CARDOZO, Efraim. *Historiografía Paraguaya*. Mexico: Instituto Panamericano de Geografía e História, vol. I, 1959. 24p.

CASTEX, Mariano. Acerca de una nueva especie de raya fluvial: "Potamotrygon Ladradori". *Neotropica*, XII, La Plata, 1963a. 119p.

_____. El libro de 'Peces' en el manuscrito del P. José Sánchez Labrador 'El Paraguay Natural'. In: CASTEX, Mariano. El género 'Potamotrygon' en el Paraná Medio. *Anales del Museo F. Ameghino*, Santa Fe, II, fasc. 2(1), p. 1-86, 1963b.

_____. (Ed.). *Sánchez Labrador, SJ. Peces y aves del Paraguay Natural Ilustrado*. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1968. 494p.

DI LISCIA, María Silvia. *Saberes, Terapias y Prácticas Médicas en Argentina (1750-1910)*. Madrid: Consejo Superior de Investiga Científicas Instituto de Historia, 2002. 372p.

DOMINGUES, Beatriz Helena. *Tão longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007. 260p.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica*

⁷¹ Cabe, no entanto, ressaltar que a especial condição – de religioso com a missão de evangelizar e civilizar os indígenas – se manifestará, sem dúvida, na "separación que realizaba el jesuita entre indígenas 'más racionales' y 'menos racionales' e nas apreciações que Sánchez Labrador fará das práticas curativas indígenas, uma vez que "lo sobrenatural (el shamanismo, la magia en suma)" eram "prueba clara de irracionalidad" (Di Liscia, 2002, p. 40).



da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII). São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2014. 559p.

_____. *As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: um estudo do Paraguay Natural Ilustrado do padre José Sánchez Labrador (1771-1776)*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2015. 590p.

_____; JOAQUIM, Mariana Alliatti y BIEHL, Maico. En orden a sus virtudes y facultades medicinales: um estudo sobre o Paraguay Natural Ilustrado de José Sánchez Labrador SJ.. *Corpus*. Archivos virtuales de la alteridad americana, v. 06, n. 2, p. 01-43, 2016.

FURLONG, Guillermo. *Medicos Argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires: Huarpes, 1947.

_____. *Naturalistas Argentinos durante la dominacion Hispanica*. Buenos Aires: Editorial Huapes, 1948. 439p.

_____. *José Cardiel SJ., y su Carta Relación (1747)*. Buenos Aires: Librería del Plata, 1953.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 190p.

HUFFINE, Kristin. Raising Paraguay from Decline: Memory, Ethnography, and Natural History in the Eighteenth-Century Accounts of the Jesuit Fathers. In: MILLONES FIGUEROA, Luis; LEDEZMA, Domingo. (eds.). *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*. Madrid: Iberoamericana, p. 279-302, 2005.

JACKSON, Robert H. Una mirada a los patrones demográficos de las misiones jesuíticas de Paraguay. *Fronteras de la Historia*, n. 9, p. 129-178, 2004.

JUSTO, Maria de la Soledad. Paraguay y los debates jesuíticos sobre la inferioridad de la naturaleza americana. In: WILDE, Guillermo (ed.). *Saberes de la conversión*. Jesuítas, indígenas e Imperios coloniales en las fronteras de la Cristandad. Buenos Aires: Editorial Sb, p. 155-174, 2011.

MICHEAU, Françoise. A idade do ouro da medicina árabe. In: LE GOFF, Jacques. *As doenças têm História*, Lisboa: Terramar, p. 57-77, 1985.

MILLONES FIGUEROA, Luis y LEDEZMA, Domingo. (eds.). *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*. Madrid: Iberoamericana, 2005. 350p.

MOLINARI, José Luis. Sánchez Labrador y su contribución a la materia medica rioplatense. *Rev. Méd. Latinoamericana*, año XXIV, n. 277, p. 49-57, octubre 1938.

MORENO, Aníbal Ruiz. *La Medicina en "el Paraguay Natural" (1771-1776) del P. Jose Sánchez Labrador S. J.*: Exposición comentada del texto original. Tucumán: Universidad Nacional de Tucuman, 1948. 348p.

OTTONE, Eduardo Guillermo. Jesuitas y fósiles en la Cuenca del Plata. *Ser. correl. geol.* [online],



n. 24, p. 9-21, 2008.

PACHECO, María Cristina Torales. Diversidad, unidad e identidades en la Provincia Mexicana de la Compañía de Jesús. In: ROSA, Alexandre Coello de la y MARTÍNEZ, Teodoro Hampe. *Escritura, imaginación política y la Compañía de Jesús en la América Latina [siglos XVI-XVIII]*. Barcelona: Edicions Bellaterra, p. 167-183, 2011.

PAGE, Carlos Alberto e FLACHS, Maria Cristina. Textos Clássicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay. *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*, nº 13, p. 117-135, 2010.

PICKEL, D. Bento Jose. *Flora do Nordeste do Brasil segundo Piso e Marcgrave no século XVII*. Argus Vasconcelos de Almeida (Editor). Recife: EDUFRPE, 2008. 315p.

ROSA, Alexandre Coello de la y MARTÍNEZ, Teodoro Hampe. *Escritura, imaginación política y la Compañía de Jesús en la América Latina [siglos XVI-XVIII]*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2011. 334p.

SAINZ OLLERO, Hector; SAINZ OLLERO, Helios; CARDONA, Francisco Suárez y ONTAÑÓN, Miguel Vásquez de Castro. *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*. Madrid: Mopu, 1989. 334p.

STORNI, Hugo. *Catálogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay*. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1980. 350p.

Recebido em: 30 de janeiro de 2017

Aprovado em: 27 de abril de 2017

